



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE FILOSOFIA

MARCOS ANTONIO HONORATO DA SILVA

O PAPEL SOCIAL DA FILOSOFIA E O SEU ENSINO

Campina Grande – PB

2014

MARCOS ANTONIO HONORATO DA SILVA

O PAPEL SOCIAL DA FILOSOFIA E O SEU ENSINO

Relatório de Estágio Supervisionado I apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda

Campina Grande – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586p Marcos Antonio Honorato da Silva
O papel social da filosofia e o seu ensino [manuscrito] /
Marcos Antonio Honorato da Silva. - 2014.
30 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda,
Departamento de Filosofia".

1. Ensino de Filosofia 2. Educação 3. Filosofia - Papel
Social I. Título.

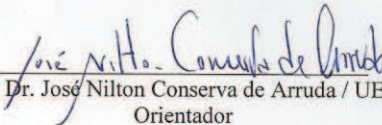
21. ed. CDD 100

MARCOS ANTONIO HONORATO DA SILVA


O papel social da filosofia e o seu ensino

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Aprovado em 28/11/2014.


Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB
Orientador


Prof. Dr. Julio Cesar Kesting / UEPB
Examinador


Prof.^a Ma. Marianne Sousa Barbosa / UEPB
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, aos meus amigos, à Luciana, ao professor Nilton Conserva e a todos que fizeram parte desta conquista. Obrigado a todos que estiveram ao meu lado nessa caminhada.

RESUMO

O presente trabalho resultante do nosso estágio supervisionado procurou compreender o papel social da filosofia numa sociedade marcada pela pressa, competitividade e a busca do lucro. A filosofia como disciplina voltada para a reflexão crítica dos valores e convenções da sociedade, interpela justamente esses elementos que cada vez mais definem a função do indivíduo e da sua educação. Por essa razão o ensino da filosofia é sempre contestado e visto como sem nenhuma função no panorama da educação, pois não se percebe qual seria sua utilidade. O trabalho problematiza essa visão equivocada e procura analisar as razões históricas, políticas e culturais que possibilitaram essa situação.

Palavras-chave: Ensino de filosofia; Capitalismo; Educação.

ABSTRACT

This work resulting from our supervised training sought to understand the social role of philosophy in a society marked by haste, competitiveness and the pursuit of profit. Philosophy as a discipline focused on critical reflection of the values and conventions of society, rightly challenges these elements that increasingly define the function of the individual and their education. For this reason the teaching of philosophy is always contested and seen as no panorama function in education, because it is unclear what would be its usefulness. The paper discusses this vision and misguided attempts to analyze the historical, political and cultural factors that allowed this situation.

Keywords: Teaching philosophy; Capitalism; Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A ESCOLA	Erro! Indicador não definido.
2.1 Localização da escola	Erro! Indicador não definido.
2.2 Caracterização da estrutura funcional da escola.....	Erro! Indicador não definido.
2.3 Caracterização do público participante escolar	Erro! Indicador não definido.
2.4 Caracterização dos recursos: humanos, administrativos, didáticos e outros.	Erro! Indicador não definido.
Indicador não definido.	
2.5 Articulação da instituição com a comunidade	Erro! Indicador não definido.
2.6 Estrutura administrativa- pedagógica	Erro! Indicador não definido.
2.7 Calendário escolar	Erro! Indicador não definido.
2.8 Planejamento	Erro! Indicador não definido.
2.9 Calendário Reuniões.....	Erro! Indicador não definido.
2.10 Proposta pedagógica da escola	Erro! Indicador não definido.
2.11 Histórico da escola.....	Erro! Indicador não definido.
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	Erro! Indicador não definido.
3.1 O problema dos classicos na filosofia	Erro! Indicador não definido.
3.2 Metodologia e avaliação no ensino médio	Erro! Indicador não definido.
4. REFLEXÕES FILOSÓFICAS SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA.....	20
4.1 Os classicos no ensino de filosofia no ensino médio	20
5. RECOMENDAÇÕES METODOLÓGICAS	Erro! Indicador não definido.
5.1 Vivência no Estágio de Regência na Escola.	Erro! Indicador não definido.
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	Erro! Indicador não definido.
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	Erro! Indicador não definido.

1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho procuraremos elucidar a problemática de ensinar filosofia sem perder o que é próprio da filosofia, o amor pelo saber e a busca do filosofar. Sabemos que a disciplina de filosofia, no Brasil, teve que amargar um longo período distante das salas de aula. E isso fez com que os estudantes não tivessem a oportunidade de experimentarem o caminho da reflexão mais abstrata e o espírito crítico que é tão característico da filosofia. E é justamente este o ponto de partida para tentar resolver tal problema.

A filosofia retorna para a grade curricular no Ensino Médio após um período de quase trinta anos de ausência, mas as cicatrizes decorrentes desta longa ausência são constantemente sentidas nas salas de aula, exigindo dos profissionais graduados em filosofia um trabalho maior ainda, no que concerne ao ensino de filosofia, o seu sentido e a sua função na formação. Devemos recordar que o Ministério da Educação atribui à filosofia no Ensino Médio a difícil tarefa de formar bons cidadãos.

É importante ressaltar que a filosofia não pode ser confundida nem reduzida a disciplinas como ética, política ou cidadania, pois isso seria um retrocesso, haja vista que já tivemos experiências negativas com a disciplina Educação Moral e Cívica, que, durante a ditadura, recebera a mesma função de formar ou disciplinar cidadãos. Filosofia é, *a priori*, uma disciplina que, por lidar com diferentes visões de mundo, acaba fomentando o despertar do espírito crítico e inovador nos indivíduos, não podendo ser reduzida a uma disciplina cuja função maior seja que ensinar aos jovens a ser bons cidadãos. A filosofia deverá estimular o jovem a ser mais crítico e pensar com autonomia. Entretanto esta formação deverá estar apoiada nos clássicos da filosofia, para não se correr o risco de se transformar em uma discussão de temas aleatórios, sem sistematicidade e coerência.

O ensino da filosofia para o Ensino Médio também não pode se limitar apenas a um curso de história da filosofia, explorando tão somente os conteúdos pré-estabelecidos nos textos clássicos. O professor de filosofia deverá ter a sensibilidade de

fazer uso dos clássicos da filosofia, articular com temas contemporâneos e manter sempre uma postura crítica e não dogmática, isto é, sempre aberto a dialogar com diferentes correntes filosóficas.

Dessa forma, entendemos que aquele que irá ministrar as aulas de filosofia deverá ser alguém graduado em filosofia, para quem os textos filosóficos sejam familiares, pois essa formação adequada e específica seria a garantia de um diálogo os clássicos da filosofia e os temas importantes na realidade dos docentes.

2. CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO PEDAGÓGICO

A escola na qual realizamos nosso estágio é a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Barbosa Camelo, conhecida popularmente por Escola Padrão, no ano de 2011. A escola fica situada no bairro Malvinas, na cidade de Boqueirão. É uma escola ampla com uma arquitetura moderna. O colégio fica situado em uma área menos desfavorecida da cidade de Boqueirão. Apesar disso, recebeu um certo respeito com relação à qualidade de ensino e também quando se fala de sua estrutura física.

2.1. Localização da escola

A Escola de Ensino Fundamental e Médio Severino Barbosa Camelo encontra-se situada na Rua Jose Ricardo Irmão, s/nº, no bairro das Malvinas, na cidade de Boqueirão, Paraíba, CEP 58450-000. Endereço eletrônico: escolapadrao@hotmail.com.

2.2. Caracterização da estrutura funcional da escola

A escola tem turmas do Ensino Fundamental I ao Ensino Médio, existem também as modalidades de Ensino Normal e a Educação de Jovens e Adultos - EJA. Tendo sete turmas funcionando na parte da manhã, com número de 17 a 20 alunos em cada sala. No período da tarde funcionando com nove turmas, com número cada uma com de 25 a 30 alunos e a noite 8 turmas com número de 21 a 25 alunos cada sala.

2.3. Caracterização do público participante escolar

A escola encontra-se situadas aos arredores das comunidades mais carentes da cidade, logo seu público na grande maioria é formado por pessoas carentes e de baixa renda.

2.4. Caracterização dos recursos: humanos, administrativos, didáticos e outros.

A escola dispõe de nove salas de aula, diretoria, secretaria, sala de informática, biblioteca, sala dos professores, refeitório auditório, quatro banheiros e rampas de acesso para os deficientes. A limpeza da escola é feita por turnos pelos funcionários dos seus respectivos horários.

A escola é administrada pela diretora Rosilda Pereira e com o auxílio de pelo menos 2 secretários por turnos, 2 disciplinares, 1 bibliotecário e um professor de informática. A escola dispõe ainda de uma assistente social.

Dispõe ainda de livros didáticos para cada aluno e material escolar distribuído aos mesmos. Não existe sala de vídeo e nem sala de leitura, apenas biblioteca.

2.5. Articulação da instituição com a comunidade

A escola é situada em um bairro carente e tem como vizinhos um mini mercadinho e uma igreja adventista. Não dispõe de atendimento especializado para alunos especiais, embora tenha alguns alunos com necessidades especiais. Esta escola é um ponto estratégico para o convite ao estudo devido a não ter nenhuma outra escola por perto. A comunidade é sempre presente, comparecendo e participando das festividades da escola.

2.6. Estrutura administrativa- pedagógica

O diretor geral coordena toda a parte administrativa e funcional da escola junto com seus auxiliares diretos. Eles têm autonomia nos respectivos turnos em que atuam, procurando através do diálogo e respeito fazer com que as ações educativas sejam realizadas de forma equilibrada e eficiente.

2.7. Calendário escolar

A escola segue o calendário do Estado e o regimento e as normas do MEC. Nos casos de substituição do professor, o pedido é encaminhado para a Terceira Região de Ensino em Campina Grande, que delibera sobre a substituição.

2.8. Planejamento

As festas e eventos são programados de acordo com o calendário escolar e conta com a participação de todos os funcionários, que são, em sua maioria, contratados temporariamente, contando com apenas três efetivos no quadro da escola.

2.9. Calendário de reuniões

Não existe uma periodicidade com relação às reuniões de pais e professores. Porém, atualmente, as reuniões pedagógicas são mais frequentes, ocorrendo pelo menos uma vez por mês, visto que está sendo construído o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. O apoio da direção e dos funcionários da secretaria aos pais de alunos e professores é sempre ativo, visto existir uma preocupação e muito cuidado para interagir com os mesmos.

2.10. Proposta pedagógica da escola

O projeto está em fase de construção e todos os professores estão participando de sua elaboração.

2.11 Histórico da escola

O nome da escola foi escolhido com homenagem a uma personalidade histórica da cidade, justificado por sua grande atuação na educação da cidade. Foi fundada no dia 31 de outubro de 2000, sendo sua fundação justificada pela falta de escola para o grande número de alunos de classes menos favorecidas. Seu fundador foi o então Secretário de Educação e Cultura do Estado da Paraíba, Carlos Alberto Pinto Manguiera, no Governo de José Targino Maranhão. A primeira diretora da referida escola foi a Sra. Maria

Eliezer de Farias Benevides e vice-diretora Maria José Trindade Silva, que realizaram um trabalho importante junto à comunidade.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo apresentaremos aspectos importantes para o desenvolvimento do relatório que são: o objeto, a identidade e a metodologia. Tomamos como objeto aquilo que é próprio da filosofia, a reflexão desenvolvida para pensar sobre, debater e algumas vezes elucidar problemas de origem filosófica. No que diz respeito ao tema da identidade, procuraremos dissertar sobre o que é a filosofia, dialogando com reflexões já desenvolvidas por pensadores que se debruçaram sobre o mesmo tema, porém com a preocupação de esclarecer qual a identidade da filosofia no ensino médio. No que concerne à metodologia, abordaremos a problemática de se traçar um plano de curso voltado para o Ensino Médio, que possa despertar o interesse dos jovens que não estão habituados à reflexão, mas sem perder a identidade do que a filosofia é, diluída em discussão de temas interessantes, porém distanciados dos temas filosóficos clássicos.

3.1. O problema dos clássicos na filosofia

A filosofia deve ser tratada como disciplina obrigatória no ensino médio. Por ser obrigatória, ela terá condições de integrar com a qualidade que tem em realizar projetos com outras disciplinas. Colocada no mesmo nível de valor das demais disciplinas, poderá contribuir para o desenvolvimento do educando. Porém, o tratamento da filosofia como um componente curricular do Ensino Médio encontra um grande obstáculo: enquanto se espera que o ensino de filosofia venha contribuir com o exercício da cidadania, esta função só poderá ser alcançada de forma satisfatória, se forem estabelecidas condições adequadas para a sua presença como disciplina obrigatória.

No entanto, a proposta de se ter uma disciplina de filosofia no Ensino Médio, abre a discussão sobre o problema na graduação em filosofia. É preciso perceber a frágil posição que se encontra a filosofia. Tendo em vista que esta esteve ausente durante um longo período das instituições de ensino fundamental e médio. Por este motivo, a filosofia não se encontra consolidada como componente curricular nesta última etapa da educação básica, quer em contar com materiais adequados, quer no campo dos

procedimentos pedagógicos, ou mesmo em termos de uma justificação de sua função no plano da formação geral do estudante.

A filosofia deixou de ser uma disciplina obrigatória nas instituições de ensino em 1961, por força da lei Nº. 4.024/61, e foi terminantemente proibida no currículo escolar em 1971, com a lei Nº. 5.692/71. Isso criou um hiato que comprometeu seu andamento como disciplina. Embora, na década de 1990, tenha sido promulgada a lei Nº. 9.394/96, determinando que, ao término do Ensino Médio, o aluno deva possuir o domínio dos conteúdos de filosofia e sociologia para o exercício da cidadania plena, ainda assim, com a aprovação de tal lei, a filosofia não passou a ser vista como disciplina de fundamental importância. O que por sua vez, está mudando com estas novas discussões, fazendo acender novamente a chama que foi por muito tempo abafada, primeiro pela ditadura, depois por nossos governantes. Portanto, a filosofia pode e deve retomar o seu lugar na formação de nossos estudantes.

No entanto, para que a filosofia possa tomar seu lugar de direito, ao lado das outras disciplinas, e venha responder às expectativas que nela foram depositadas, deverá resolver um outro problema que diz respeito ao seu ensino ser ou não centralizado na História da Filosofia, entendida como a fonte mais rica e a mais adequada para o desenvolvimento e ensino das questões filosóficas.

Outra dificuldade é que a disciplina de filosofia vinha sendo por muito tempo ministrada por profissionais de outras áreas, sem a formação específica em filosofia, o que ainda causa bastantes prejuízos a um ensino adequado da disciplina. Pois, devemos salientar que este profissional de outra área nem sempre terá a clareza, nem tampouco a compreensão dos textos filosóficos e de como eles foram construídos no âmbito de tradições filosóficas bem específicas. Este trabalho deve ser realizado por um profissional capacitado, para quem os textos são familiares, que seja capaz de oferecer tratamento elevado de questões relevantes para a formação plena dos nossos estudantes.

A pergunta acerca da natureza filosófica é o primeiro e permanente problema filosófico. Se questionarmos o que é a física? Não sairá deste questionamento um problema físico. Porém, ao se perguntar "O que é filosofia?" encontramos o primeiro e mais recorrente problema filosófico. No entanto, não será possível respondê-lo aqui, o que será proposto é que se determine elementos necessários para uma contextualização mais adequada dos conhecimentos filosóficos no Ensino Médio. A filosofia no Ensino

Médio tem o papel de formador da concepção de cidadania (MEC, 2006, p.10). O que por sua vez, será dever do educador promover elementos para que o educando, ao término do Ensino Médio, tenha noções de filosofia e sociologia necessária para o uso da cidadania.

Assim, a natureza da filosofia é tema bastante frágil, pois engloba uma série de pressupostos, o que talvez seja esta a razão pela qual sentimos um embaraço ao nos questionarmos sobre o sentido da filosofia. Refletir sobre a natureza da filosofia é como refletir sobre algo que não foi nem será resolvido. Entretanto, não se deve fugir a tal pergunta, mas respondê-la explicitamente, e ter consciência de que sua resposta não será ingênua. Já que em toda resposta se fará presente o seu ponto de vista e o do filósofo com quem você está dialogando. Então, ao responder já estará filosofando, pois tal resposta contém um coeficiente de construção misto sua, do filósofo e ainda do contexto histórico de ambos.

No entanto, o ensino de filosofia não pode correr o risco de se fazer parecer uma crença, envolvida em dogmas. A filosofia, ao contrário da crença, está fundamentada sobre uma base racional e argumentativa. Só pode ser considerado filosofia aquele conteúdo que passa pela faculdade da razão. Portanto, se faz necessário privilegiar as atitudes filosóficas: este pensamento crítico-reflexivo do mundo, este reconstruir, este olhar criativo, este voltar atrás que é próprio da filosofia.

Entretanto, independente de qualquer avaliação acerca da concepção que se apresenta a legitimação posta pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC. Mesmo que pudesse fazê-lo, ela nunca deveria ser limitada a isso. Tal atitude seria rebaixá-la, desvarolizá-la e reduzi-la a um mero veículo, um instrumento que conduziria à cidadania. Este não é o papel central da filosofia, ela voa muito mais longe. A filosofia deve levar aos jovens um tipo de formação que propicia valores de um bom cidadão, mas vai mais além. Não se pode atribuir à filosofia o papel que antes era dado a disciplinas como Educação Moral e Cívica.

A filosofia deve compor com as demais disciplinas do Ensino Médio o papel proposto para essa fase de formação. A filosofia, em conjunto com as demais disciplinas, tem a tarefa de preparar o estudante para o exercício da cidadania, como também favorecer o seu desenvolvimento intelectual e sua qualificação para o trabalho. Deve-se destacar que este tipo de formação não será mera oferta de conhecimentos a

serem assimilados pelos estudantes, mas sim um aprender, desenvolver uma relação com o conhecimento que lhe poderá garantir autonomia intelectual e seu desenvolvimento crítico. O que significa mais que dominar um conteúdo, é saber ter acesso a diversos tipos de conhecimentos, e refletir sobre os mesmos, de forma significativa.

Portanto, o objetivo da filosofia como disciplina, não é apenas propiciar ao aluno um mero enriquecimento intelectual. A filosofia é parte de uma proposta de ensino que pretende desenvolver no aluno a capacidade para responder questões dos mais variados assuntos. Lançando mão dos conhecimentos adquiridos, para resolver problemas das mais variadas situações. Essa capacidade de responder deve ultrapassar a mera repetição de conteúdo, o que chamamos popularmente de decorar, porém para que suas respostas tenha um caráter filosófico, tal resposta deverá conter um misto de pensamento crítico inovador, mas fundamentada sobre os textos filosóficos, o que daria a resposta a validade necessária para que esta não seja ingênua e vazia. Caberia então à filosofia o papel de formadora de competência, e não o de decoração de conteúdo.

É salutar, portanto, para o ensino de filosofia que não se desconsidere a sua história, em cujo âmbito reconhecemos boa parte de nossas medidas de competências, e também elementos que despertam nossa vocação para o trabalho filosófico.

3.2 Metodologia e avaliação no Ensino Médio

Devemos ressaltar que, para o aluno desenvolver as competências esperadas ao concluir o Ensino Médio, não pode haver uma separação entre conteúdo, metodologia, e as formas de avaliação

Assim, uma metodologia para o ensino de filosofia deve conciliar igualmente aquilo que é peculiar a ela e o conteúdo específico que estará sendo trabalhado. No entanto, a maioria dos professores costuma fazer uso de práticas já ultrapassadas, como o sistema de aula expositiva, seguindo os manuais como o livro didático e apostilas que estes mesmos produziram, devido a falta de material adequado. Muitas vezes o trabalho destes professores resume-se a interpretação de fragmentos de textos filosóficos ou debates de temas atuais.

Em função do quadro descrito acima, pode-se dizer que o tratamento concedido nas aulas de filosofia destoa da concepção proposta para o seu ensino presente nas teorias pedagógicas, documentos oficiais e reflexão dos especialistas. Este problema torna-se maior por conta do grande número de professores de outras áreas, que lecionam como se fossem professores de filosofia. Ou seja, na prática a filosofia ainda continua fora do Ensino Médio. Portanto, qualquer menção à filosofia no Ensino Médio é ilusória ou falha, o que acarreta em um inadequado uso do material didático, mesmo que ele seja de qualidade.

A filosofia que está sendo apresentada no ensino médio, não é a filosofia propriamente dita, isto é, historicamente constituída. Como foi dito acima, ela está sendo ministrada por professores de outras disciplinas, o que gera um prejuízo na proposta assumida pela filosofia. A filosofia está sendo interpretada a luz do historiador, do geógrafo, do pedagogo. O que fragiliza ainda mais o papel da filosofia enquanto disciplina.

Para a realização das competências específicas, deve-se sobretudo centralizar o seu ensino na História da Filosofia. A filosofia comporta um acervo próprio de questões, e uma história que a destaca suficientemente de todas as outras produções culturais. A centralização nos textos que são próprios da filosofia não descarta a busca e o reconhecimento de problemas filosóficos em textos de outra natureza, como o literário e o jornalístico. Contudo, não se pode por meio deste artifício deslocar a primazia dos textos filosóficos, pois seria absurdo trabalhar a filosofia sem o que lhe é próprio: sua história, sua tradição, seus autores e textos fundamentais.

Na estruturação do currículo, e mesmo no desenho das práticas pedagógicas da disciplina, a centralidade da história da filosofia tem ainda méritos adicionais: 1. Solicitar uma competência profissional específica, de sorte que os temas próprios da filosofia devem ser determinados por uma tradição de leitura consolidada em um curso de licenciatura próprio; 2. Solicitar do profissional já formado continuidade de pesquisa e formação especificamente filosóficas; 3. Evitar a gratuidade da opinião, com a qual imperaria docentes malformados, embora mais informados que os alunos, suprimindo o lugar da reflexão e da autêntica crítica; 4. determinar ainda o sentido da utilização de recursos didáticos e de quem pode usar estes recursos, de modo que sejam filosóficas as habilidades de leitura adquiridas.

Isto posto, ainda reiteramos que

a filosofia é uma teoria, visão crítica, trabalho do conceito, devendo ser privada como tal e não como um somatório de ideias que o estudante deva decorar. Um tal somatório manualesco e sem vida seria dogmático e antifilosófico, seria doutrinação e nunca diálogo (Orientações Curriculares, 2006, p. 35).

Com efeito, os professores de filosofia deverão ser formados em filosofia e, tendo a História da Filosofia como referencial, poderão deixar as aulas muito mais atrativas e mais fáceis para a veiculação de questões filosóficas. Tendo garantido estas condições teóricas citadas acima, seria desejável e prazerosa a utilização de dinâmicas de grupos, recursos audiovisuais, dramatização, apresentação de filmes etc. Com o cuidado que terá o profissional capacitado de não substituir, por tais recursos, os textos filosóficos. Pois será nestes textos que os alunos irão adquirir suporte teórico necessário para que suas reflexões sejam, de fato, filosóficas.

4. REFLEXÕES FILOSÓFICAS SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA

O curso de filosofia proposto para o Ensino Médio abriga em si vários questionamentos, como o que se deve pensar. A filosofia surgiu na Grécia com o intuito dos sábios ou filósofos para aprender o ser das coisas. O ser é a realidade primeira de todas as coisas, que se traduz no conhecimento metafísico, entendido como o estudo sobre o fundamento de todas as coisas. A filosofia, nos moldes gregos, é justamente a tradução literal do que seria o amor pela sabedoria. Porém, a filosofia, com o passar do tempo, foi adquirindo uma nova roupagem, de tal forma que Immanuel Kant irá dizer que não se pode ensinar filosofia, mas apenas a filosofar.

A filosofia é esta disciplina de cunho crítico e reflexivo, que não se define nem pelo seu conteúdo, nem pelo método. Entretanto, o curso de filosofia, proposto na LDB para o Ensino Médio, é bastante definido. Este tem uma função social, que seria desenvolver a habilidade de pensar do estudante, como cidadão consciente. Portanto, este trabalho tem o intuito de apontar os problemas e algumas possíveis soluções de como traçar um currículo de filosofia sem ser infiel à filosofia mesma, limitando os seus fundamentos e o seu alcance.

4.1. Os clássicos no ensino de filosofia no Ensino Médio

Partiremos, portanto, da formação do professor, de sua graduação em filosofia, passando por sua presença na educação básica, tendo como foco “O que a filosofia deve ensinar? Para quê? e Como ensinar?”. Para que, por fim, possamos compreender a fundamental importância da história da filosofia e do que lhe é essencial que são seus textos fundamentais.

A graduação tem o papel fundamental para esta mudança de paradigma. O professor deverá ter profundo conhecimento do estatuto e da tradição histórica da filosofia. Pois só isto possibilitará uma formação humanística que, somada à formação continuada, ampliada com a crítica literária e a crítica da arte, alcançará um desenvolvimento mais pleno.

A graduação em filosofia é voltada para a capacitação da compreensão dos clássicos. Dessa forma, compreende-se que “o professor universitário, portanto, visa principalmente a orientar sua metodologia de modo a capacitar o aluno na compreensão dos autores clássicos, tidos como referências da tradição da filosofia” (HORN, 2009, p. 90). Portanto o aluno na graduação é envolvido por uma ampla gama de recursos (material didático), textos filosóficos, a fim de que este aperfeiçoe a sua linguagem conceitual no trato do conteúdo e sobretudo na abordagem dos textos filosóficos e na elaboração da compreensão, interpretação e entendimento das suas leituras.

No entanto, o curso de filosofia proposto para o Ensino Médio tem objetivos bem definidos pela LDB (lei base da educação nacional). A filosofia tem o papel limitado de capacitar o aluno para o exercício da cidadania, oferecendo a eles condições para que os mesmos possam ter participação política consciente e compreendam seus direitos e deveres perante a sociedade.

A filosofia muitas vezes é vista como disciplina alegórica, que serve apenas para ter acesso a um conhecimento erudito, que não irá ter utilidade prática alguma. Para que este estigma seja superado, a filosofia deve ser dinâmica, viva, problematizadora e nunca estática. O ensino de filosofia no Ensino Médio deverá ultrapassar a barreira do marasmo, aquele ensino no qual o professor apresenta o assunto, os alunos o escutam, decoram e o reproduz na avaliação, configurando um sistema totalmente mecânico. O ensino de filosofia deve sim problematizar, questionar, dar brechas para que os alunos reflitam, e cheguem a respostas autônomas. O que é necessário para que isso aconteça é que o professor seja também um filósofo, aquele que questiona, que está sempre em busca de respostas, e nunca convencido por respostas prontas, pois

Para a efetivação de filosofia como componente curricular, torna-se fundamental distinguir a prática do professor nos diferentes níveis de ensino considerando, principalmente, a natureza e as finalidades específicas que tais realidade imputam (HORN, 2009, p. 95).

Para que se alcancem os objetivos esperados com o curso de filosofia no Ensino Médio, será preciso avaliar a natureza deste curso, se perguntar sobre o que se deve ensinar, como se deve ensinar, para que se deve ensinar e, por fim, e não menos importante, qual a importância dos clássicos para o ensino de filosofia. Porém, não

tentaremos aqui definir a natureza da filosofia, pois grandes filósofos já o fizeram antes e melhor do que poderíamos esboçar. No entanto, ao colocar a filosofia como disciplina acadêmica, faz-se necessário indagação e investigação sobre o porquê ensinar filosofia.

Hoje, o filósofo deve responder aos apelos das novas peculiaridades dos jovens, uma vez que a sociedade se modifica. O que não significa a negação do passado, mas separar as duas coisas, aproveitar os elementos da tradição e relacioná-los com os desafios atuais, buscando aquilo que possa nos enriquecer didática e pedagogicamente.

Mais uma vez o professor se depara com mais o desafio de desenvolver no aluno o interesse pela filosofia, tomando-se o devido cuidado para não fugir do que é próprio da filosofia. Muitas vezes, para deixar as aulas mais agradáveis, interessantes, fáceis e úteis, o professor deve dosar para que suas aulas não sejam um emaranhado de conteúdo, sem nenhuma especificidade, onde todo assunto pode ser abordado de qualquer forma, descaracterizando-a como uma disciplina que tem especificidade e funções definidas no currículo da escola.

O professor de filosofia deve estar ciente da realidade dos nossos jovens, que são de fato diferentes daqueles jovens de décadas atrás, o que se for levado em consideração oferecerá obstáculos para o pleno desenvolvimento de um trabalho filosófico. A filosofia, como alguns já disseram, é uma disciplina que se constrói no ócio, o que não combina com a nossa realidade, nossos jovens são forçados cada vez mais cedo a entrar no mercado de trabalho, em função da situação econômica. Por outro lado, jovens que não precisam ingressar no mercado de trabalho logo cedo, sucumbem aos atrativos postos pela mídia. Os jovens não formados nem estimulados a ler um bom livro, a uma literatura concentrada e enriquecedora, mas, pelo contrário, são estimulados pelo mercado à aderirem a atrativos como cinema, DVD, telenovela e internet, o que acarreta na falta do domínio de seu idioma. Essa talvez seja uma das razões para a dificuldade de entender, gostar e analisar textos filosóficos.

O reflexo desta situação aparece na sala de aula, como falta de motivação para questões filosóficas. Deve-se, pois, buscar formas para despertar o interesse deste aluno, estimulando o exercício da capacidade de abstrair. Este é de fato um grande desafio. Porém um dos equívocos mais comuns é o professor de filosofia atribuir aos alunos o mesmo grau de interesse que ele tem pela matéria ou a mesma expectativa em relação às

atividades filosóficas. O que por sua vez pode levar o ensino de filosofia a não estabelecer um canal de comunicação com os jovens.

Por essa perspectiva o desafio essencial que se apresenta a iniciação filosófica consiste em detectar as questões que condensam os anseios necessidades e dúvidas dos jovens de hoje. Trata-se de buscar uma problematização presente nas experiências cotidianas dos alunos que possa atuar como estímulo à reflexão filosófica, como via de acesso à filosofia (GALLO, 2004, p. 164).

Partindo dos pressupostos acima, alguns profissionais transformam sua sala em momentos de “orientação espiritual”, movidos pela descrença dos alunos para acoplar questões filosóficas. Este sentencia seu curso em uma pregação de suas próprias concepções, momento para dar conselhos espirituais e práticos para conduta de vida. Outros professores lutam para dar um brilho a suas aulas e acabam transformando-as em uma demagogia intelectual. Impedindo assim o desenvolvimento reflexivo de seus alunos, dando a impressão destes não alcançarem “voos tão altos”. Outros, vão na corrente contrária, preocupados com o “Show” na sua aula, na participação de todos, simplifica demais as dificuldades das questões filosóficas, passando a impressão de que qualquer um pode enunciá-las de maneira frívola e superficial, comprometendo assim a seriedade do curso.

Existe ainda aquele professor que está preocupado em manter um ambiente descontraído e voltado para as questões atuais, fazendo os alunos refletirem sobre problemas vividos no contexto em que estão inserido, porém exageram ao fazer uso inadequadamente de novelas, filmes, romances, poesias como ponto de partida para reflexão filosófica, descuidando, desta forma, de apresentar os textos da tradição, com a alegação de que por serem difíceis, não despertariam o interesse dos estudantes. Devemos destacar que qualquer área do conhecimento humano, mesmo aquelas ligadas ao campo das ciências da natureza, da tecnologia, podem ser objeto de reflexão filosófica ou mesmo apresentar um problema genuinamente filosófico, mas não podem substituir os textos mesmos da filosofia. Muitos professores para conseguirem despertar o interesse do aluno adotam este artifício de usar temas atuais apresentados no cinema, e inovações tecnológicas para discutir filosofia. A filosofia pode dialogar com todas essas inovações, porém a discussão deve ser feita de modo fundamentado, assumindo esses elementos como ponto de partida e não como ponto de chegada, pois não podemos

esquecer que a filosofia abriga acervo de materiais próprios que se utilizados bem conseguem o mesmo ou melhor impacto do que as novidades que foram citadas.

Assim, o maior desafio para professores e alunos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem de filosofia se condensa na necessidade de juntos buscarem uma identidade da filosofia como uma disciplina pertinente ao currículo do Ensino Médio.

Entretanto o papel da filosofia no Ensino Médio não é só o de fazer o aluno pensar, mas o de fazer com que este pense melhor, pois na medida em que o professor se limita a motivar o aluno a pensar, deve recordar que outras disciplinas também o fazem. Daí ser importante resgatar a tarefa própria da filosofia que é pensar de modo sistemático e abstrato sobre os mais diferentes temas que outras disciplinas desenvolvem de modo mais contextualizado e restrito. Será tarefa da filosofia, fortalecer as habilidades que o aluno já possui, ensinando-o a buscar a coerência e a consistência nas suas argumentações. Os objetivos educacionais da filosofia tornam o aluno um investigador de questões problemáticas, capaz de assumir uma postura crítica frente a eles, pois “a filosofia prepara o aluno para pensar nas outras disciplinas na medida em que o estimula a fazer uso de ‘habilidades de pensamento’ que precisam ser aprendidas para o pensar nas outras matérias” (GALLO, 2004, p. 168).

Como aplicar em sala de aula de modo que os objetivos propostos sejam alcançados? Então a pergunta é como ensinar filosofia? A resposta a esta pergunta pode ser respondida de dois modos, tendo as duas respostas a filosofia como matéria prima. A primeira resposta é a filosofia como resposta ou produto, o a segunda é a filosofia como questão ou processo. Na primeira, a filosofia como resposta ou produto, ela é identificada como aprendizagem de um saber pronto, memorizado e mecânico. A filosofia aqui ensinada de maneira a induzir alunos a memorizar pura e simplesmente os conteúdos filosóficos, e repetir os mesmos nas avaliações, tendo o conhecimento filosófico como algo acabado, que se conclui nele mesmo. Já na segunda resposta, a filosofia como questão ou processo, esta não nega a primeira, porém a demonstra de outro ângulo. Ela aparece como um aprender a pensar, entendendo não como capacidade lógica, como domínio do instrumento que ordena o pensamento, mas como domínio da capacidade de questionar, de rejeitar respostas prontas, que só convence o senso comum. A filosofia é apresentada como uma disciplina que coloca o ato de filosofar, de questionar respostas anteriormente dadas e que são passíveis de

questionamento. É importante conhecer outras respostas para que com elas possamos elaborar novos conhecimentos e articular novas respostas a partir delas.

A filosofia tem em seu início esta característica de renovação, de recriação, de reflexão sobre teorias anteriores. Pois, se estas fossem aceitas como verdadeiras, só teríamos o período clássico de Platão e Aristóteles, o que não é o caso, uma filosofia tentar superar outra, dialogar com ela, é o que caracteriza a filosofia.

As aulas de filosofia deverão ser ministradas por um professor que se alimenta e é iluminado por este pensamento filosófico. Pois, em cada sala de aula serão repensados e redescobertos tais pensamentos filosóficos. E será o professor que atuará como investigador, guia e incitador do pensamento. Então, ensinar o aluno a filosofia é um processo que tem por finalidade explicitar os problemas que desafiam o aluno a buscar, a pesquisar, a estudar, a discutir sua compreensão crítica para poder enfrentar, os problemas criativamente, e não como exposição dogmática escolástica, como se o produto filosófico fosse algo pronto e acabado.

Porém, os alunos não aprendem a filosofar por si só, precisa da orientação, que alguém o guie, e que auxilie a este jovem a passar pelos obstáculos de uma consciência ingênua, primitiva e unilateral do real, ascendendo gradativamente a um nível de pensamento filosófico, por meio de um conteúdo preciso de obras filosóficas. Tendo, os alunos, o acesso às obras dos filósofos, observando como estes filósofos trabalharam tal conteúdo, em que situação, em que período, é que estes alunos terão a ideia de como se produz filosofia. Poderão compreender como seria sem sentido a filosofia sem a sua história construída e aprendida através das leituras dos clássicos. Alguns professores relutam em trabalhar com os clássicos, por apresentarem um conteúdo mais denso e menos didático, ou mesmo por não se enquadrarem ao gosto contemporâneo.

Estamos convictos de que o ensino da História da Filosofia é essencial para a formação da cidadania crítica. Certa vez, Antônio Gramsci falou sobre a importância de não abandonar os estudos das línguas mortas, como grego e latim, não para ser intérprete ou correspondente comercial, mas para conhecer diretamente a civilização dos dois povos, pressuposto necessário para a civilização moderna, ou seja, para sermos nós mesmos e nos conhecermos de maneira consciente.

O mesmo vale para os estudos dos clássicos em filosofia, a ligação entre a filosofia e os clássicos é intrínseca, uma não caminha sem o outro, pois o que seria da filosofia se lhe tirassem o produto de sua referência histórica, que lhe acompanha ao longo de sua caminhada secular. A filosofia é este refazer-se, este refletir, é este olhar para sua própria história. Entendemos que este encontro com a nossa história é de fundamental importância para compreendermos onde estamos hoje. É mais do que um exercício de erudição, é o próprio sentido da existência da filosofia como disciplina.

Se a filosofia é um problema, ou melhor, a compreensão da realidade, como um problema, o ensino de filosofia não pode ser com toda a certeza a solução deste problema, mas sim seu desenvolvimento até as últimas consequências. Assim,

não se trata, portanto de estudar a história da filosofia porque na sequência dos filósofos exista algo em si mesmo educativo. O valor educativo está em cada um dos clássicos da filosofia, pois nele existe o tormento do pensamento (GALLO, 2004, p. 189).

Para podermos compreender como se dá a abordagem aos clássicos e de como utilizar a história da filosofia na sala de aula, é necessário que encaremos, de início, a pergunta: O que é história da filosofia? A história da filosofia não é a história dos fatores reais, acontecimentos e achados materiais. A história da filosofia é a história de ideias, e o elemento essencial ao qual a história da filosofia se refere é o texto, os escritos de um autor clássico. Por isso a história da filosofia se define fundamentalmente como *lectio*, lição, leitura.

Por fim, podemos concluir que o elemento fundamental da filosofia e da filosofia como disciplina no Ensino Médio é a leitura dos textos clássicos. O professor pesquisador deverá dominar os discursos clássicos e se apropriar dos discursos destes textos para que sua aula seja propriamente uma aula de filosofia. Pois não podemos ensinar física retirando as teses de Newton e dando abertura aos alunos para criar sua própria teoria sem ter nenhuma base que possa sustentá-la. O mesmo se dá com a filosofia, caso se retire seu elemento fundamental que são os clássicos, retira-se também a sua aura, e a desvaloriza como disciplina. A filosofia se faz presente há mais de dois milênios, é considerada a mãe de todas as outras disciplinas, por este seu valor histórico não pode ser desprezado nem seu papel e nem seus feitos no curso da história.

5. RECOMENDAÇÕES METODOLÓGICAS

Neste capítulo apresentamos as recomendações metodológicas, elaboradas a partir da nossa vivência em sala de aula, os desafios encontrados, os problemas vivenciados, atribuições e superações. Tentaremos mostrar de forma breve e simples nossa passagem na escola onde realizamos o estágio. Demonstraremos também o método e a técnica utilizada, pois favoreceu o nosso amadurecimento em sala de aula.

A primeira fase do nosso trabalho na escola foi a fase do impacto. Esta se caracterizou por nossa total falta de experiência, não tínhamos qualquer experiência com sala de aula, o que fez com que acreditássemos que haveria interesse dos alunos pela disciplina logo de cara. Pesquisamos, elaboramos uma série de materiais que foram quase que ignorados por parte dos alunos. Encontramos alunos totalmente descomprometidos com a sua própria educação, convencidos que o estudo não trará qualquer desenvolvimento financeiro, o que talvez pudesse atraí-los e gerar uma maior dedicação. Chegar falando de filosofia, uma disciplina que não tem uma história no currículo básico, não está justificada como as outras disciplinas, resulta na compreensão de que a filosofia não serve para nada.

5.1. Vivência no Estágio de Regência na Escola.

Estes jovens estão impregnados da cultura pós-moderna, julgam que algo só tem validade se apresentar um produto feito e acabado (material), e a filosofia não se ocupa nem realiza qualquer realidade palpável. Porém, tento sempre argumentar que a filosofia teve sua contribuição para mudanças significativas nos processos éticos, políticos e sociais, e em outros acontecimentos voltados para a relação do homem com ele mesmo. Mas não iremos aqui tratar do que foi feito pela filosofia, e sim de como esta foi trabalhada na sala de aula deste colégio.

Superando este momento de excesso de entusiasmo, decidimos diminuir a cobrança e alimentar as discussões (muito acaloradas). Esta tomada de posição foi

bastante produtiva, até certo ponto. Tivemos, sim, um aumento na participação, o que não foi acompanhado por um aumento nas leituras. O que fez com que percebêssemos que a leitura de muitos ali era bastante deficiente, fazendo-se necessário aumentar a leitura na sala de aula, além das discussões deveríamos realizar uma leitura mais prolongada dos textos. Essa escolha metodológica não resolveu o problema por completo, pois alguns que tinham bastante dificuldade, não se sentiram à vontade para fazer o exercício da leitura. Porém, não pode se dizer que foi um fracasso, tivemos sim conquistas, alguns se renderam e começaram a ler na sala de aula. O que já foi um grande avanço.

Entretanto, o que ainda imperava era a falta de interesse dos alunos, e também a falta de respeito por parte dos professores com a disciplina de filosofia. Este problema com os professores se dava por estes acharem suas disciplinas superiores, pois elas seriam cobradas no vestibular. Assim, justificavam o direito de atropelar os horários e tomarem parte do horário reservado para a filosofia. Partindo dessa dificuldade, achamos por bem apresentar em uma aula a importância da filosofia no Ensino Médio. Demonstrando que a filosofia surgiu a mais de 2600 anos, que outras ciências derivaram da filosofia, e que antes de se perguntar por que voltar a filosofia para o Ensino Médio, deve-se antes perguntasse por que ela saiu. Então, partindo desta problemática, deu para demonstrar que a filosofia é como qualquer outra disciplina, e deve ter seu valor assegurado.

Na reta final do estágio, estávamos mais familiarizados com a turma, mais confiantes, o que foi refletido em sala com um melhor desempenho, uma melhor síntese, e uma melhor escolha dos conteúdos. Foram muitas as dificuldades e difíceis as avaliações, mas conseguimos passar por todas elas e saímos vitoriosos, pois foi traçado o início do caminho que iremos percorrer na difícil tarefa de ser professor.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o objetivo da filosofia como disciplina não é apenas apresentar conhecimentos tidos como eruditos. Antes de mais nada ela é parte de uma proposta de ensino que visa desenvolver no aluno capacidades para responder questões sobre os mais variados assuntos. Porém, estas capacidades não podem ser uma mera reprodução, como dizem popularmente, o decoreba. Mas, sim, um conjunto de argumentos elaborados e alicerçados sobre os clássicos e teóricos da filosofia.

A filosofia poderá assumir como objetivo o que já está bem definido nas leis das diretrizes curriculares, que estabelecem que a disciplina de filosofia para o Ensino Médio deverá proporcionar uma capacidade reflexiva nos alunos para que possam efetivar o exercício da cidadania crítica. Tal função deverá ser buscada com uma metodologia que possibilita o desenvolvimento da formação filosófica específica, isto é, atentar para o que é essencial da própria disciplina, pois há sempre o risco de se transformar o ensino de filosofia num catálogo de princípios, valores e práticas irrefletidas.

Pelo menos no discurso oficial, a disciplina de filosofia tem sobre si um peso gigantesco, pois se afirma que ela tem a difícil tarefa de fomentar no jovem o pensamento crítico e reflexivo. Desta forma delega-se à filosofia uma responsabilidade que não é apenas dela, mas de todas as disciplinas que compõem a grade curricular do Ensino Médio.

Por fim, queremos ressaltar que o ensino de filosofia só realizará o que se espera dele se não esquecer o que é próprio da filosofia: o diálogo com os clássicos em vista de se pensar criticamente os desafios do presente. Os clássicos são o elemento crucial da filosofia. Então, não pode existir um curso de filosofia que não seja norteado pelo estudo dos seus clássicos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autentica, 2009.

GALO, Silvio, DANELON, Márcio, CORNELLI, Gabriele. **Filosofia e ensino**. Ijuí: Unijuí, 2004.

HORN, Geraldo Balbino. **Ensinar Filosofia: Pressupostos Teóricos e Metodológicos**. Ijuí: Unijuí, 2009.

OBIOLS, Guilherme. **Uma Introdução do ensino da filosofia**. Trad. Silvio Galo. Ijuí: Unijuí, 2002.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. Ciências humanas e suas tecnologias. Vol. 3. Brasília: Ministério da educação, 2006.133 p. (Orientações curriculares para o ensino médio).